

Perspectivas duplas de um mesmo ponto: formações discursivas e ideológicas numa narrativa de Frei Betto

Anita Gonçalves Hoffmann¹
Ariane Carla Pereira Fernandes²

Resumo:

Neste artigo, partes do conto “A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo” de Frei Betto, escritor e jornalista, serão analisadas e contextualizadas à luz da teoria da Análise do Discurso de linha francesa. As formações discursivas e ideológicas utilizadas pelo autor na construção dessa obra, serão as bases do estudo deste trabalho. A intenção é mostrar como as ideologias socialistas e religiosas da Teologia da Libertação perpassaram o autor, contribuindo para a produção do seu discurso, ao mesmo tempo tocante e chocante.

Palavras-chave: Frei Betto; formações discursivas; formações ideológicas; ditadura militar.

Abstract:

In this article, parts of “A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo”, written by Frei Betto, writer and journalist, will be analyzed and contextualized according to french theories about Speech Analysis. The discursive and ideological formations, used by the author in this work construction, will be study basis in this article. The main objective is to show how socialist and religious ideologies of Liberation Theology “crossed” the author, contributing to the production of his speech, touching and shocking, in the same time.

Keywords: Frei Betto; discursive formations, ideological formations, militar dictatorship.

Introdução

A ditadura militar figura, na história recente do Brasil, como um período sangrento e vergonhoso, marcado por perseguições políticas, pelo cerceamento das liberdades individuais e pela presença marcante da censura. Já se passaram mais de 40 anos desde o início do período mais perverso do sistema ditatorial; hoje vivemos em uma democracia, porém a literatura produzida nesta época ainda é e, provavelmente, continuará sendo um precioso objeto de estudo. A liberdade de escolha e de expressão, que já eram controladas de forma latente desde 1964, foram oficialmente suprimidas a partir do Ato Institucional nº 5 (AI-5), decretado pelo então presidente General Costa e Silva em 1968. O AI-5 suspendeu a possibilidade de qualquer reunião de cunho político; aumentou a censura prévia já existente, que se estendia à música, ao teatro e ao cinema de assuntos de caráter político, além de suspender o *habeas corpus* para os chamados crimes políticos.

A população vivia sobre a pressão político-militar dos governantes e a imprensa sofreu dura censura. Tudo o que foi produzido nos anos da ditadura militar não pôde mostrar explicitamente o seu caráter denunciador. As denúncias eram feitas sutilmente pelos meios de comunicação e pela literatura através de metáforas. Além de os censores prejudicarem a produção dos autores, pretendiam também manter o povo alienado, sem acesso à real informação, evitando o aprimoramento intelectual da população e interrompendo processo de formação de opinião do público. Ironicamente, nessa época, aconteceu o grande *boom* dos filmes pornográficos.

O objeto de análise proposto são as partes iniciais do conto “A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo”, do frade dominicano, jornalista e escritor, Frei Betto. Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, é adepto da Teologia da Libertação e militante de movimentos pastorais e sociais.



Ele não é apenas um mero observador da realidade ditatorial, pois foi preso por duas vezes nesse período e, na cadeia, foi uma das vítimas do sistema reacionário.

Publicado em 1979, período final da ditadura militar e também momento da total anistia, o conto aborda, literariamente, as injustiças, torturas e horrores vivenciados por muitas pessoas. O conto narra a história da perseguição injusta que os militares impuseram a Afonso Santana e sua família, composta por Luísa Ferreira (esposa) e Marcelo (filho), por acreditarem que Afonso era um terrorista subversivo, que estava planejando algo contra a integridade e a soberania do país. Tendo como base as formações ideológicas de Frei Betto, sujeito produtor do discurso, são analisadas as formações discursivas presentes em “A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo” e a importância do período histórico para a compreensão do texto, utilizando a teoria da Análise do Discurso de linha francesa.

Apontamentos teóricos

A Análise do Discurso nasceu da relação entre a Linguagem e as Ciências Sociais. Para Orlandi (1994), a AD é o campo de conhecimento diretamente concernido na relação com a linguagem, com o sujeito e, conseqüentemente, com as formas do saber. Através da Análise do Discurso, é possível o questionamento da Lingüística no campo de sua constituição, de sua historicidade, e das Ciências Sociais em seus fundamentos, em sua relação com a linguagem e sua transparência.

Ler o conto “A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo” sem fazer questionamentos sobre a posição do autor (sujeito) na conjuntura sócio-histórica da ditadura militar, é ter uma interpretação superficial sobre o texto. Para Orlandi (1999, p 43) “O sentido não existe em si, mas é determinado pelas



posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”, portanto, só é possível fazer uma análise profunda sobre a obra analisando as formações discursivas e ideológicas que perpassaram o sujeito ao produzir o seu discurso. Cleudemar Fernandes (2005, p.51) define como constituintes do discurso “a dispersão de acontecimentos outros, historicamente marcados, que se transformam e modificam-se”.

No pensamento pecheutiano, o sujeito é interpelado pela ideologia para produzir o seu discurso. As formações discursivas são compostas por diferentes discursos (interdiscursos), logo, as formações discursivas possuem diversas ideologias no seu interior. Orlandi (1999, p.46) define o trabalho da ideologia como “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”.

A formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, determina o que deve e pode ser dito, portanto, ela representa no discurso as formações ideológicas que constituem o pensamento do autor.

Os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. (...) O estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e a ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 1999, p.43).

Para Pêcheux, as FD's determinam o que pode ser dito no interior de um aparelho ideológico, conceito desenvolvido por Louis Althusser. Althusser (1974) considera que a classe dominante, para manter sua dominação, gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de dominação. É aí então que entra o papel do Estado que, por meio de seus aparelhos repressores ou ideológicos, intervém, ou pela repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração. Para ele, a ideologia representa a relação



imaginária de indivíduos com suas condições reais de existência.

Na ditadura militar existiam vários tipos de discursos e cada um deles era proferido de acordo com a posição que a pessoa se encontrava na conjuntura social da época. Além de existir o discurso verbal, o silêncio servia também como um discurso, o discurso do oprimido, o discurso do censurado.

Os discursos que são produzidos dentro de uma formação discursiva dialogam o tempo todo com outros discursos, produzindo outras formações discursivas e criando interdiscursos. Os sentidos dos discursos se estabelecem na relação com outros discursos.

O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinado, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação à outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória” (ORLANDI, 1999, p.44).

Referindo-se a Foucault, que também desenvolveu conceitos para a formação discursiva, Pêcheux conclui:

a noção de formação discursiva(FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com o seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar(isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências. (PÊCHEUX, 1990, p.314)

Em relação às palavras citadas por Pêcheux, é possível concluir que uma formação discursiva jamais é homogênea, pois sempre possui diferentes discursos, sendo, por vezes, um mesmo tema tratado sob diversas perspectivas e pontos de vista, estando o mesmo, portanto, subordinado aos interesses de afirmação ou negação que o sujeito enunciador possa ter.

É a partir dessas reflexões, advindas da teoria da análise do discurso de base



pecheutiana, que o conto “A vida suspeita do subversivo Raul Parelo” será analisado. O *corpus* que será analisado do conto serão as três primeiras páginas.

A primeira parte (p.99) inicia-se com o narrador apresentando uma família comum, formada por Afonso, Luísa e Marcelo, e descrevendo mais um início de manhã em suas vidas. Aparecem aí marcas discursivas que denotam uma rotina que poderia ser vivenciada por qualquer tipo de família.

A mania dela era ficar na cama até mais tarde, lendo fotonovelas, os olhos pequenos enternecidos, o rosto cheio, um pacote de biscoitos que, matinalmente, derrubava os seus propósitos noturnos de iniciar, no dia seguinte, o regime para emagrecer, enquanto ele se levantava sempre às sete horas, beijava a testa de Luísa, fazia sessenta flexões abdominais, assobiava um samba-canção embaixo do chuveiro, penteava os cabelos negros e cheios e a barba de poeta (...). (BETTO, 1986, p.99)

Com alguns elementos do discurso, podemos perceber qual era o contexto histórico vivenciado pelos personagens e pelo autor ao produzir sua obra. A leitura de fotonovelas era muito corriqueira entre as mulheres na década de 70, portanto, é uma marca temporal, já que não existe mais esse hábito nos dias de hoje. As características dadas sobre Luísa nos levam a interpretá-la como uma dona-de-casa com os mesmos anseios de qualquer mulher comum, sem nenhuma característica revolucionária. A parte que fala sobre a tentativa do início do regime é uma marca atemporal, pois as mulheres continuam preocupando-se com suas aparências, mas tendo dificuldades com as privações alimentares. O discurso de hoje muito se assemelha com o daquela época no quesito beleza, porém, hoje os conceitos são mais radicais e a beleza almejada é a beleza das mulheres magérrimas e altas.

O autor usa o termo “barba de poeta” para sugerir a possibilidade de Afonso ser visto como uma figura subversiva, um revolucionário, aquele que abala as estruturas e convenções estabelecidas. Como é possível perceber ao longo do texto, Afonso não tinha nenhuma veia revolucionária, era apenas um dentista



que levava uma vida sem rebeldias, porém até mesmo a sua aparência gerava uma espécie de preconceito no momento histórico. A barba é uma característica presente no visual dos comunistas e podemos até mesmo lembrar da figura de Che Guevara ao pensarmos nas características de Afonso.

Toda a narração feita na primeira página do conto ganha um sentido totalmente diferente na segunda, a qual tem a forma de um informativo militar. No contexto de uma vida familiar bastante comum, surge a figura de Coice de Mula que faz contraponto à figura de Afonso e à postura do narrador em relação a suas opções ideológicas. Coice de Mula, codinome do informante e observador da vida da família de Afonso, apresenta-se, no texto, como o redator de um informe tido como “estritamente confidencial”, dirigido ao Chefe do Serviço de Investigações, cuja súmula era: Missão Raul Parelo.

O informativo militar é um intertexto, porque apresenta um outro discurso dentro do discurso do narrador (interdiscurso). A partir da posição reacionária dos militares, o discurso usado é apenas aquele que a eles convém, aquele que as suas posições na conjuntura sócio-histórica do momento permitem dizer. No discurso dos militares, Afonso passa de trabalhador e pai de família a um subversivo e revolucionário; Luísa passa de dona-de-casa a terrorista; as fotonovelas viram documentos subversivos; o samba-canção cantado por Afonso vira a Internacional comunista; o cigarro normal vira um cigarro de maconha; o jornal comum passa a ser um jornal de esquerda e o motorista que buscava Afonso todos os dias para levá-lo ao trabalho, ganha o título de terrorista.

Ao se analisar a figura paterna descrita no discurso do narrador e no discurso militar, encontra-se um abismo de diferenças. No informe, as ações de Afonso como pai são descritas desta forma:

(...) ido ao quarto do garoto, no qual guarda os mapas e documentos do Partido Revolucionário Brasileiro, a fim de verificar se estava tudo em ordem (o desalmado usa o próprio filho como escudo), sendo que



deu um sorriso maligno ao constatar que a criança dormia tranqüila sobre os planos das ações terroristas(...) (BETTO, 1986, p.100)

Na descrição do narrador, Afonso "(...) ia ao quarto de Marcelo e sentia-se envaidecido pelo filho robusto que dormia a sono solto (...)" (BETTO, 1986, p.99).

A ação descrita nos dois discursos é a mesma, mas as formações ideológicas são totalmente diferentes, portanto, o modo de encarar a realidade também é totalmente antagônico. O discurso do Coice de Mula obedece aos padrões e regras que sua condição de existência exige, ou seja, seu discurso está de acordo com sua situação de informante militar. Não se esperava de um militar daquela época palavras de carinho ou de liberdade, eles eram completamente reacionários e opressores.

Sendo um elemento discursivo, a língua não é transparente e não pode ser entendida isoladamente. Um enunciado não possui apenas uma verdade, pois a produção de seus sentidos ocorre em função da articulação entre a língua e o discurso. Quem profere o discurso não é a origem do dizer e sim o produto da exterioridade e das ideologias que o perpassam.

Uma passagem do livro que chama bastante atenção é quando o narrador cita que os militares usaram mulheres disfarçadas como vendedoras de produtos da marca Avon para conseguir maior acesso à casa de Afonso e para tentar tirar algumas confissões de Luísa:

Era terça-feira e Marcelo estava na escola quando Luísa recebeu em sua casa duas vendedoras de produtos Avon que eram duas policiais do DIE- Departamento de Investigações Especiais- interessadas em saber dos hábitos de Luísa (BETTO, p.100, 1986).

A escolha do autor por essa multinacional não é aleatória, pois analisando alguns elementos da década de 70, percebe-se o poder que a empresa conquistou. A estratégia de venda da empresa de cosméticos era e



continua sendo a de as vendedoras conquistarem as clientes através de visitas nas suas casas. Qualquer pessoa interessada poderia revender os produtos e o contato acabava sendo direto, criando relações mais íntimas. Através das visitas, as vendedoras ofereciam seus produtos, conversavam sobre os dilemas das mulheres, sobre a rotina de suas casas e sobre suas famílias. As conversas que Frei Betto coloca em seu conto como sendo as das vendedoras com Luísa tratam de assuntos bastante corriqueiros. A maneira como as mulheres são mostradas no livro retrata a condição social feminina na década de 70, momento em que poucas mulheres eram totalmente independentes das figuras masculinas e dos seus afazeres domésticos.

[...] com certeza suas amigas também vão gostar de nossos produtos, você tem muitas amigas, a gente sempre prefere que uma freguesa nos recomende a outra, assim fica mais fácil o contato, temos este perfume para a noite, você costuma sair à noite com o seu marido [...] veja, este xampu, é muito bom para cabelos ressecados como o sei, mesmo os homens de barba longas costumam usá-lo no banho, ah, seu marido é um deles, deve ser uma pessoa simpática, você tem alguma foto dele[...] (BETTO, p.101, 1986)

Através de um discurso que em alguns momentos chega a ser caótico, o narrador apresenta o modo como as supostas vendedoras tentam oferecer os seus produtos e descobrir elementos que pudessem incriminar Afonso e sua família. Ao mesmo tempo em que elas oferecem o que têm para vender, elas especulam a vida de Luísa, aproveitando-se da sua ingenuidade. Seus discursos estão repletos de elementos que representam as formações discursivas em que estão inseridas. Apesar de não se filiarem o tempo todo à mesma formação discursiva, navegando em alguns momentos pelo universo das vendedoras de produtos, suas condições de policiais do DIE acabam sendo sutilmente percebidas pelos leitores, porém, não por Luísa.

Um dos métodos que as policiais usaram para controlar tudo o que acontecia na casa de Afonso foi colocar minitransmissores eletrônicos na sala da



família. Todas as coisas que eram proferidas dentro da casa acabavam sendo interpretadas de maneira completamente diferente pelos militares. Segundo Cleudemar Fernandes (2005) “os discursos são governados por formações ideológicas. Como formação discursiva reflete, também, formação social, retoma-se uma heterogeneidade própria à coexistência e miscigenação das diferentes formas sociais”.

Considerações finais

Frei Betto usa artifícios evidentes, em seu discurso, para denunciar o modo de pensar e de julgar dos Aparelhos Repressivos de Estado, no caso, da polícia ditatorial. Analisando a sua vida e a sua trajetória, percebe-se que as ideologias que o perpassam jamais se desvencilham de suas palavras; a luta pela igualdade e pela liberdade, conquistadas de uma maneira cristã, são presentes em todas as suas obras.

A profundidade do que é dito no conto “A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo” só pode ser compreendida a partir de uma pesquisa sobre a época e o espaço social em que o autor se encontrava e se houver uma comparação entre o seu discurso com outros já proferidos anterior e posteriormente. Tudo o que é dito é espelho das condições específicas, historicamente definidas.

Referências:

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro). 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985

BETTO, Frei. **O aquário negro**: contos/ Frei Betto - 2.ed.São Paulo: DIFEL, 1986

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso** - reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005



ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999

PÊCHEUX, Michel (1975). **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Cadernos de estudos lingüísticos. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1990

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988

_____. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Cadernos de estudos lingüísticos. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1990

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In. GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997

Notas:

¹ **Anita Gonçalves HOFFMANN**,
acadêmica do curso de Jornalismo e integrante do grupo PET Letras
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
E-mail: aninarusegawa@gmail.com.

² **Ariane Carla PEREIRA Fernandes**,
Jornalista, mestre em Letras e professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da
UNICENTRO. Universidade Estadual do Centro-Oeste(UNICENTRO)
E-mail: ariane_carla@uol.com.br

